



BANZO, MELANCOLIA E PSICOLOGIA ANTIRRACISTA: COMPREENDENDO OS IMPACTOS DO RACISMO NA JUVENTUDE NEGRA.

BANZO, MELANCHOLY AND ANTI-RACIST PSYCHOLOGY: UNDERSTANDING THE IMPACTS OF RACISM ON BLACK YOUTH.

Ana Beatriz da Silva Belarmino¹
anabeatrizmaia99@gmail.com

Géssica Gyrlane dos Santos²
gessicagyrlanee14@gmail.com

Luan Nunes de Oliveira³
luannolvr@gmail.com

Resumo: Após décadas da abolição da escravidão, no Brasil, os resquícios desse período ainda estão presentes na vida cotidiana da população negra que através da construção estrutural e sistemática do racismo leva a um sofrimento que também é psíquico. Portanto, a presente pesquisa objetivou discutir os sofrimentos dos jovens negros trazendo a intercessão dos conceitos de melancolia e banzo para elucidar como essas definições ajudam a entender o atravessamento da questão racial na saúde mental e para contribuição de uma psicologia antirracista. Recorreu-se a estes conceitos por entender que o banzo, como conceito médico, nomeava o sofrer que acometia as pessoas escravizadas e a melancolia, definida na teoria psicanalista, auxilia na compreensão psicossocial dos processos de subjetivação racial e sofrimento psíquico da juventude negra. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com utilização de análise de conteúdo acerca da produção científica em saúde mental da população negra nas bases de dados SciELO, BVS-Psi e PePSIC no período de 2011 a 2021. Por fim, foi possível perceber que o sofrimento advindo dos sistemas racistas se perpetua em uma longa via desde a escravização dos corpos e das mentes até os dias atuais mostrando que os mecanismos de imputar sofrimento através da raça se atualizaram. Por este motivo, conclui-se que é urgente imbricar as teorias e conceitos mais tradicionais da psicologia a um saber-fazer epistemológico antirracista sem excluir as dimensões sociais dos processos de subjetivações.

Palavras-chave: Banzo; Melancolia; Psicanálise; Psicologia Antirracista; Racismo.

Abstract: After decades of the abolition of slavery in Brazil, the remnants of this period are still present in the daily life of the black population, which through the structural and systematic construction of racism leads to suffering that is also psychic. Therefore, the present research aimed to discuss the sufferings of young black people bringing the intercession of the concepts of melancholy and banzo to elucidate how these definitions help to understand the crossing of the racial issue in mental health and for the contribution of an anti-racist psychology. These concepts were used to understand that banzo, as a medical concept, named the suffering that affected enslaved people and melancholy, defined in psychoanalyst theory, helps in the psychosocial understanding of the processes of racial subjectivation and psychic suffering of black youth. This is a bibliographic review research using content analysis about the scientific production in mental

¹Discente em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Recife.

²Discente em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Recife.

³ Discente em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Recife.



health of the black population in the SciELO, BVS-Psi and PePSIC databases from 2011 to 2021. Finally, it was possible to perceive that the suffering arising from racist systems is perpetuated in a long way from the enslavement of bodies and minds to the present day showing that the mechanisms of imputing suffering through race have been updated. For this reason, it is concluded that it is urgent to intertwine the most traditional theories and concepts of psychology with an anti-racist epistemological know-how without excluding the social dimensions of the subjectivation processes.

Keywords: Banzo. Melancholy. Psychoanalysis. Anti-racist Psychology. Racism.

1. INTRODUÇÃO

Passado mais de 100 anos da abolição da escravidão no Brasil, os resquícios desse período ainda se fazem muito presente na vida cotidiana da população negra no país. Um dos últimos a abolir essa forma análoga de trabalho, o maior país da América do Sul não forneceu políticas assistencialistas básicas a essa população recém “liberta”, devido a esse descaso até hoje sofrem os descendentes desse período. (ALBUQUERQUE e FRAGA, 2006). Além da falta de preparo para assistir os libertos, muitas ideias de dirimir essa população foram difundidas, levando a um apagamento histórico, social e até pessoal desses indivíduos.

Nesse contexto, se faz possível entender que os resquícios desse período escravocrata ainda se perpetua no cotidiano da população negra que por meio das estruturas e sistemas racistas fazem uma manutenção do sofrimento que por sua vez também é psíquico. Por assim pensar, esse sofrer psíquico que é diretamente atravessado por essa opressão racial, é entendido como uma expressão de melancolia, pois Avelar (2019) pontua que esse sofrimento imputado na população negra é estagnador e tem como marca o “retraimento dos afetos e [...] fragilização do laço social.” (AVELAR, 2019, p. 29). No quesito em questão esse estudo visa buscar caminhos para entender o que uma patologia histórica, um conceito psicanalítico de sofrimento e uma psicologia voltada a desconstrução do racismo, onde eles podem auxiliar numa melhoria no cenário da saúde mental das(os) negras(os).

Em meados do segundo milênio que a escravidão se fomentava no Brasil, surgem alguns estudiosos da época descrevendo um estado emocional, onde os escravizados se destacavam nesse sentir. Denominado em seus primeiros relatos como Banzo, de acordo com Sirelli e Maurano (2018) essa patologia se caracteriza no entendimento de De Pinho como:

“[...] um tipo de nostalgia ou melancolia mortal dos negros da África, se tomados cativos e ausentes de suas pátrias. O antecedente do africanismo ‘banzar’ é encontrado [...] no verbo cubanza, de língua angolana, significativo de ‘pensar’” (DE PINHO, 1982, p. 20).

Diante dessa definição, as autoras acrescentam que “sendo muitas vezes identificado a estar pensativo, gerando tristeza, e perplexidade.” (p. 165).

Também de acordo com o dicionário Aurélio esse termo pode ser definido de forma mais atual, colocando que “banzo - nostalgia mortal dos negros que eram escravizados e exilados de suas terras”. Entendendo essas definições da patologia é possível ver que na história do negro no Brasil, tem-se um sofrimento marcante derivado da situação que se encontravam aqui de puro maus-tratos e desumanização. Dentre a nosologia características da doença, os movimentos suicidas se destacam, pois, essa tristeza era tão



profunda que os acometidos recorriam a meios passivos de suicídio (se recusar a comer, beber água, deixando a tristeza tomar conta) e meios ativos conhecidos mundialmente (enforcamento, afogamento proposital, uso de ferramentas pontiagudas, entre outras). (Oda, 2008). Revelando assim a gravidade que as situações escravistas deixavam nos cativos.

Na psicodinâmica, a definição para exacerbação do sofrimento, se dá o conceito de melancolia. Em um de seus escritos Freud traz os conceitos de luto e melancolia, os associando por, de forma generalista os quadros se assemelharem. Entretanto define esses dois quadros separadamente, no que tange o entendimento de melancolia Freud caracteriza como:

em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. (1917/2010, p.128).

Neste viés, a melancolia pode ser considerada como reinvestimento do ódio lançado ao objeto através do ego, que retorna ao sujeito, pois o objeto se torna maior que o ego, fazendo com que o mesmo sinta auto ódio (CARONE, 2016). Pensando assim, o ódio que era lançado na defesa feita pelo ego, aos senhores e a terra que lhe maltratava, retornava em uma patologia paralisante e suicida.

Ao imbricar esses dois conceitos, banzo e melancolia, observa-se que particularidades sintomáticas de cada definição se inter-relaciona (AVELAR, 2019). A autoflagelação, o suicídio, que se faz muito presente nos relatos de Banzo e na nosologia de melancolia, leva a entender que esses sofrimentos, mesmo com definições e nomenclaturas diferentes se encontram, ao tentar entender a questão racial que atravessa o sofrimento psíquico vigente no século XXI na população jovem e negra, do maior país da América Latina.

Diante ao exposto, será acrescentado um dos campos da psicologia, a psicologia antirracista, para ser pensado como essa problemática pode ser deliberada no romper dos estereótipos massificados do ideal velado pela sociedade. Desse modo, a psicologia precisa se ater a este tema e suas especificidades, para que não acabe por abdicar de fornecer um cuidado e uma escuta de qualidade. Por isso, é muito perigoso a psicologia não tomar uma postura antirracista, ainda mais em um país como o Brasil, onde a grande maioria se declara pardo ou preto⁴, por possuírem uma trajetória marcada por sofrimento em suas histórias (SOUZA, 2018). Isso acaba marcando uma mudança importante na área, que até algum tempo atrás assumia uma postura indiferente ao assunto. Seguindo esse raciocínio, “assim como os quilombos, a psicologia antirracista é uma maneira de resistir na conjuntura racista nacional[...]” (CFP-SP, 2020).

2. METODOLOGIA

No que tange aos processos metodológicos utilizados para esta pesquisa, foi utilizado como único método a pesquisa de análise bibliográfica, que é definida por Matos e Lerche (2001, *apud* Fonseca, 2002) como o tipo de pesquisa que é realizada por meio

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> >



de sondagem prévia sobre referências dentro da teoria que se pesquisa, já sendo elas averiguadas e publicadas em espaços científicos como livros e artigos, por meios eletrônicos ou manuscritos. Todo esse processo se desenvolve no tema a qual se está pesquisando. Portanto Fonseca (2002, p. 31-32) pontua que:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Com uma abordagem qualitativa, que é entendida por abordar o fenômeno de forma a se atentar em colher dados da realidade que não são condicionados a quantificação, tendo por objetivo compreender e explicar como se dão as variadas dinâmicas que as relações sociais conseguem desempenhar. Por quanto a pesquisa qualitativa, para Minayo (2001, p.14, apud Fonseca, 2002, p. 20) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Nesse sentido, foram utilizados livros de literatura clássica da psicanálise como da psicanálise contemporânea fomentada por autores pretos e pretas, juntamente a artigos publicados na última década, ou seja, do ano de 2012 até o ano de 2022, que estivessem de acordo com o tema, entendendo os conceitos de banzo e melancolia para fomento de uma prática em psicologia antirracista no enfrentamento do racismo estrutural e seus impactos psicológicos na população jovem negra. Sendo realizada na Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e no Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), utilizando dos descritores: “racismo e psicanálise” “psicologia antirracista” “banzo e melancolia” “banzo”. Utilizando-se da seguinte filtragem: todas as publicações, todos os periódicos, linguagem em português (Brasil) e todos os anos de publicação (preferencialmente que estivesse dentro dos últimos 10 anos). Em sua totalidade foram encontrados cerca de 40 arquivos, e destes selecionados para compor esta pesquisa ficaram 6.

Essa pesquisa tem por objetivo analisar conceitos de carga e fundamentação histórica, mais uma vez a pesquisa de cunho bibliográfico respalda o que se é proposto aqui, pois Gil (2002) conceitua as vantagens desse método como: possibilidade de compreender fatos do passado e de ter uma gama muito ampla sobre alguns fenômenos de forma mais concisa do que se estivesse procurando diretamente. Dessa forma, a presente pesquisa é realizada com muito cuidado para que essas vantagens não se tornem comprometedoras da validade da mesma. Foi-se muito bem avaliado e estudado as pesquisas que subsidiam a produção do texto, em relação as circunstâncias que os dados que as compõem foram adquiridos, sempre averiguando se tem algo incoerente e sendo utilizado visões amplas sobre o assunto, assim como Gil (2002) indica em sua literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Modelos de estudo se diferem no quesito a entender o que de fato é esse período da juventude, o modelo biopsicológico defende que a juventude é marcada por uma fase de transição da vida infantil a vida adulta, e que nesse momento é comum aparecer processos



de incerteza e instabilidade. Já o modelo sociocultural vai considerar o ser jovem, buscando sempre entender essa fase pela ótica das vivências particulares de cada um e como isso se dá no encontro com a cultura. Entendendo também que esse ser juvenil está para além de faixas etárias, já que há fatores que as culturas constroem para designar esse intermédio de desenvolvimento de vida, ou seja o jovem estar acima de determinações biológicas. (NOVAES e VANNUCHI, 2004). Sendo possível pensar com Novaes e Vannuchi (2004, p. 220) que “alterações na temporalidade da vida e transformações na estrutura econômica repercutem direta e indiretamente sobre a condição juvenil.”

As possibilidades de experiência que ser jovem traz na conjuntura social, por vezes se passa como algo de uma época dourada, fase que é brilhante durante o percurso da vida. Esse entendimento se dá pelo fato de que a ótica utilizada é fundamentada pela vivência de jovens burgueses, brancos e privilegiados, pois é de fácil entendimento que jovens periféricos, pretos e pobres não compartilham dessa experiência romantizada da juventude. (Pochmann, 2004) O que denota a seguinte reflexão, se essa passagem por uma fase da vida é vivida de forma não homogênea, apresentando diferenças discrepantes demarcadas pelos apontamentos feitos acima, os filhos dos adultos que não foram jovens favorecidos pela estrutura social, apresentam, portanto, uma forte tendência a repetir esse ciclo de sofrimento e apagamento na juventude. Pois, esses jovens de pais pobres, no Brasil, acabam encontrando no trabalho a única forma de ascender social, e vão em busca de trabalho, entrando precipitadamente no mercado de trabalho, onde “o fazem com baixa escolaridade, ocupando as vagas de menor remuneração disponíveis, quase sempre conjugadas com posições de subordinação no interior da hierarquia de trabalho.” (POCHMANN, 2004, p. 231).

Em termos de endossar os argumentos apresentados, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentados em uma pesquisa de informação demográfica e socioeconômica intitulada “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” aponta que no âmbito escolar a população jovem negra (pretos ou pardos) representa cerca de 15% a menos do que jovens brancos, ocupando o ensino fundamental em fase final, médio e superior. Que por consequência da baixa formação, ocupam apenas 29,9% de cargos gerenciais em detrimento de 68,6% de pessoas brancas que ocupam cargos gerenciais também. Entretanto a população negra terá um percentual maior nas ocupações informais no país, representando 47,3% dos trabalhadores que estão na informalidade. Por conseguinte, a juventude negra é o maior alvo da violência, das condições precárias ao acesso escolar e a empregabilidade. (Bento e Beghin, 2005 apud Matijascic e Silva, 2016).

De acordo com a última pesquisa de 2019 feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), os jovens representam cerca de 20% do total da população brasileira. Nesse viés estatístico, no Brasil a maioria da população é composta por pessoas negras – junção do percentual de pardos e pretos (IBGE, 2020). Na população jovem não poderia ser diferente essa expressividade numérica, pois segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020) os jovens negros correspondem a mais de 55% da amostra total. Sendo assim, deixando evidente que essa população se expressa numericamente enquanto existência, por tanto necessita de uma atenção especializada. Pois, é nessa fase da juventude que acabam por reproduzir, talvez até com mais veemência, as expressões de raça e sociedade de forma desigual. (Matijascic e Silva, 2016). Segundo Matijascic e Silva (2016, p. 269) “a população jovem também é a mais afetada pela violência, pela desproteção, pela precarização e pelo desemprego, o que se



agrava quando são sobrepostos fatores de vulnerabilização, como o racismo e a condição social”. Reafirmando a necessidade de um olhar especializado para esses fenômenos que atravessam essas vidas, que adoecem e dificultam o exercer pleno de seus direitos.

Com esse apontamento se faz possível pensar que esse rechaçamento social interfere na saúde mental desses jovens, que carregam o sofrimento de serem excluídos socialmente por causa da discriminação racial, como aponta o Ministério da saúde (Brasil, 2018, p. 16) “a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra reconhece o racismo, as desigualdades étnico-raciais e o racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde”. Já que esse processo de passar por uma fase do desenvolvimento que em si, traz as suas próprias problemáticas, as pessoas negras ainda são atravessadas pelas violências imputadas pelo racismo.

Nesse sentido de entender as condições sociais que levam esses jovens negros a um adoecimento psíquico, o Ministério da Saúde junto a Universidade de Brasília elabora um estudo que traz apontamentos sobre quais as causas que levam um jovem negro a cometer suicídio, ou seja, os pontos que corroboram para um adoecer tão profundo que leva a morte. Dentre essas causas o estudo aponta:

“ao não lugar, ausência de sentimento de pertença, sentimento de inferioridade, rejeição, negligência, maus tratos, abuso, violência, inadequação, inadaptação, sentimento de incapacidade, solidão, isolamento social; e não aceitação da identidade racial, sexual e afetiva, de gênero e de classe social.” (BRASIL, 2018, p. 17).

Alguns desses apontamentos causais do suicídio entre a população negra, torna possível pensar na descrição de uma patologia que acometia as pessoas escravizadas aqui no Brasil, algo que parece ser tão distante, mas que se presentifica no sofrer dos que aqui resistem em sobreviver. Com isso, é imprescindível provocar a discussão sobre as profundidades e perpetuações do banzo no país. (Avelar, 2019).

Dessarte, para compreender os fenômenos sociais, psicológicos e emocionais que constituem a vivência de um jovem negro no Brasil, aqui será trazido dois conceitos que visam entender psicologicamente as expressões de adoecimento, delineando uma conjunção entre eles, que tem campos de estudo e de manifestação tão distintos. (Sirelli e Maurano, 2018). O banzo e a melancolia. Duas épocas, duas sociedades, duas formas de organização cultural, dois estudos manejados de forma distintas, que apresentam possibilidades de compreensão sobre fenômenos que se expressam no atual da vida cotidiana de pessoas.

Oda (2008) descreve que enquanto verbo a palavra “banzar” surge por volta de 1712/1728 significando algo como se admirar de forma penosa (“pasmarmos com pena”), e enquanto substantivo a palavra “banzo” aparece nos primeiros dicionários por volta do século XIX, e é definida como “uma mortal nostalgia dos escravos africanos transportados ao Brasil”. (SATTAMINI-DUARTE, 1951 apud ODA, 2008, p. 736). Haja vista que foi muito demorado o processo de definir a palavra nos dicionários oficiais, como algo que fazia parte da realidade de algumas pessoas daquela sociedade, principalmente porque era uma das principais doenças que acometia as pessoas escravizadas, era algo de uma alma apaixonada, a qual eles se entregavam a essa paixão de tal forma que só se terminava esse processo com a morte. Se caracterizava como um rancor estranho advindo de coisas melancólicas, como: saudade dos seus lugares e das suas pessoas, os amores deixados para trás, a falta de lealdade que alguém pode ter tido



para com eles, a reflexão sobre a sua liberdade ceceada e a dor de estar sobre intensos maus tratos. (Oliveira Mendes, 2007 apud Oda, 2008).

Em um cenário deste século, o autor Clovis Moura escreve um livro que é intitulado “Dicionário da Escravidão Negra no Brasil” onde ele destrincha algumas palavras usadas durante o processo escravagista, por sua vez o banzo nesse escrito é definido como “estado de depressão psicológica que se apossava do africano logo após seu desembarque no Brasil. Geralmente os que caíam nessa situação de nostalgia profunda terminavam morrendo”. (MOURA, 2004, p. 63). Por quanto, como está nessa definição, há uma associação indissociável do banzo, da saudade nostálgica, com um sofrimento psíquico descendente que faz o ser definhar, decrescer, se apequenar em seu sofrer, ou seja, o banzo se expressava como algo da ordem depressiva.

A partir do que se foi apresentado na descrição de banzo, em adjunto se apresenta a melancolia. De início é importante frisar que diferente do banzo, a melancolia foi definida por um teórico e estudada a sua manifestação clínica, como o próprio Freud (1917/2010) postula “nosso material se limita a um pequeno número de casos, cuja natureza psicogênica não permitia dúvida. [...] dados os nossos atuais meios de pesquisa, dificilmente poderíamos encontrar algo que não fosse típico, se não de toda uma classe de afecções”. (p. 128). Assim, é sabido que há um método estruturado para definir a melancolia na psicanálise, e ao ser estudada ela é ligada ao luto, sendo elucidada em comparação “com o afeto normal do luto” (FREUD, 1917/2010, p. 128), porém irão diferir no sentido em que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu”. (p. 130).

Melancolia é, afirma Freud (1917/2010), no entendimento psíquico, como uma forma dolorosa de se sentir abatido, uma cessação de se interessar pelo o que está externo no mundo, não consegue ser capaz de amar, se retraindo dos afazeres e tendo a autoestima diminuída, onde acaba por se recriminar e se auto ofender podendo chegar até delirar esperançosamente em punir-se. Porém, essas características podem ser vistas nos processos de luto, com o excesso de uma, a autoestima não se afeta no enlutado, já no melancólico sim. Por assim, entendemos que “isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência”. (FREUD, 1917/2010, p. 130). Essa perda do objeto que não se sabe o que é, necessita de um trabalho restabelecedor assim como o do luto, e nesse processo a inibição surge como algo do próprio quadro em que se encontra. E nesse caminhar a falta de apreciação pelo seu Eu, faz com que ele sempre esteja se colocando nos piores lugares possíveis, na posição de alguém que não merece nada que tem, se sentindo o mais desprezível de todos. (Freud, 1917/2010).

Por quanto, Jorge (2010) formula que quando se perde o equilíbrio da vivência psíquica ao perder algo, há uma descompensação nessa ordem, o real emerge ao imaginário, e para recuperar essa homeostase ele precisa, na neurose, que haja um trabalho, seria trabalhar esse luto. Que consiste em recuperar a articulação entre simbólico e imaginário, refazer uma articulação nas palavras e imagens, dando novos sentidos ao que o real fragmentou. Na melancolia, esse trabalho não será feito, pois o simbólico está insuficiente e o luto não conseguirá ser elaborado. E na essência do processo que a melancolia se desenvolve, pode ver que existe uma “falta de freio simbólico ao real do gozo mortífero”. (JORGE, 2010, p. 150).

Diante dos expostos, se denota o imprescindível pensamento das formas que a



população cativa sofreu e população negra, seus descendentes, ainda sofrem. Nesse sentido, há na melancolia e no banzo, inegáveis semelhanças nas formas de sofrer, imposta por um regime que toma seu objeto, sua humanidade, que oprime, mesmo que cada conceito se expresse em suas particularidades. No banzo encontra-se uma perda concreta, o sujeito perdeu sua família, a comunidade em que pertencia, a sua língua nativa, seu nome, sua cultura, seu território, sua humanidade, essas perdas encontram a palavra para se expressar, facilitando o entendimento da relação entre o que está sendo oprimido e seu sofrimento. Na melancolia esse objeto não diretamente denominado na palavra, pode ser deduzido que são os sistemas de infração de direitos construídos pelo racismo. (AVELAR, 2019).

Porquanto, “considera-se que a perda máxima da existência negra é do seu direito à humanidade africana, pois compelido ao branqueamento, o sujeito é desumanizado e submetido ao processo de autodestruição” (AVELAR, 2019, p. 53), onde nem ao menos conseguir nominar esse ataque a sua existência, é possível, porque as estruturas racistas foram construídas para que todo esse procedimento gerasse silenciamento, deixando tudo de forma inominavelmente dolorosa. Como visto, no banzo havia um sofrimento pela nostalgia, que trazia a lembrança o que já se tinha vivido em África dando-lhe a sensação de não pertencer aquele lugar que se encontrava nas Américas, na “melancolia negra” esse sujeito vai sofrer por não conseguir acessar as memórias históricas e coletivas do povo a qual se pertence, pois estão ocultas e assim o levando a sentimentos de não-pertencimento. (Avelar, 2019).

À vista disso, o Sistema Conselho de Psicologia (CFP e CRPs) lança em 2002 uma resolução que orienta a prática de psicólogas e psicólogos diante do racismo estruturante e institucional. Essa resolução prevê em seus incisos que em toda sua atuação, do individual ao coletivo, do mais secreto ao público, o psicólogo é vetado de reforçar ideias estereotipadas, discriminação ou qualquer preconceito racial. (CFP, nº 018/2002). Entretanto a história da psicologia no Brasil explica o motivo de só após 40 anos de regulamentação da profissão, enquanto prática e ciência, é que o Sistema Conselhos de Psicologia se pautando na Declaração Universal de Direitos Humanos, produz um documento que de fato se atente a uma questão que gerações já viam sofrendo. (Costa e Alves, 2020).

Os negros desde sua escravização receberam todas as associações de negatividade na sociedade, pois eram responsáveis por todo mal que a assolava. Essa injúria se pautava em termos das diferenças biológicas, que eram utilizadas na ciência como o determinante que provava que essas pessoas eram inferiores e por isso estariam suscetíveis a adoecimentos físicos, transtornos psicológicos e predisposição a criminalidade. É nesse cenário que a psicologia, que chegava da Europa por meios de estudiosos que foram se especializar lá, nascia no Brasil. Ela veio apoiada pelas ideias higienistas fomentada por psiquiatras europeus e brasileiros, que pretendiam fazer uma limpeza social ao rechaçar que não se enquadrava no padrão de normalidade. Sendo assim, os negros já atribuídos a perspectivas negativas, foram mais uma vez o alvo. Já que eram grande parte da população que não pertenciam as projeções de normalidade, foi criada a ideologia de branqueamento da nação, para apagar com as características negras do país. (FERNANDES e BENEDITO, 2020).

Essas concepções que estão na origem da psicologia no Brasil ainda não foram totalmente rompidas, pois como aponta Quinjano (1997) e é descrito por Costa e Alves



(2020):

Desde antes e ainda hoje, o contexto histórico e político do país demanda da Psicologia Brasileira um posicionamento ético-político de enfrentamento aos discursos e práticas que mantêm as estruturas de saber/poder da modernidade/colonialidade, fundadas na ideia de raça que perpetua a hierarquização do humano. (p.01).

Como posto, o profissional de psicologia precisa se colocar como agente do combate ao racismo sistêmico que destrói os campos de subjetividade, e como já apontado aqui, faz sofrer. Faustino (2019) aponta que os espaços de cuidado, nas suas diversidades de abordar os fenômenos, estão desatentos em como essa realidade se dá, correndo o risco de se caracterizar ou pela ação ou pela omissão, fazendo com que haja uma revivência das violências e negações.

Pensando assim, a psicologia tem muito a contribuir já que se entende ela como uma ciência e profissão que corroboram para transformação da sociedade, sendo assim um agente ativo no combate ao racismo. E é na singularidade dos sujeitos que a psicologia tem de compreender as questões colocadas pelos mesmo, pois essa construção de subjetividades advém dos vínculos instituídos na sociedade e nos grupos, possibilitando que a singularidade seja escutada de fato quando se contempla as variações no modo de se relacionar com as estruturas da sociedade. (Fernandes e Benedito, 2020). E para enfrentar o racismo estrutural, é necessário que esse enfrentamento não seja transversal, e sim estrutural, para que nas ações que liguem a ética e política da psicologia enquanto ciência e profissão, se possa produzir “psicologias Antirracistas, considerando as diferentes epistemologias e metodologias que a constitui”. (COSTA E ALVES, 2020, p. 04).

4. CONCLUSÃO

Em suma, o presente artigo buscou entender como os jovens negros no Brasil eram atravessados pelas questões raciais e quais seriam as possíveis implicações na saúde mental desses jovens, trazendo os conceitos de banzo e melancolia para investigar as expressões de sofrimento psíquico dos mesmos. Desse modo, é importante pontuar os espaços temporais que marcam as vidas negras até o presente momento, que por conta desses resquícios continuará marcando se não for reformulada as práticas de acolhimento. O racismo nasce e se alimenta no amago da estrutura social do Brasil, atravessando vidas e dirimindo a população alvo. Por tanto, os profissionais que exercem funções que são de acolhimento no âmbito da saúde não podem ser isentos, quanto as questões raciais.

Há um percurso delimitado para se entender os motivos, pois são diversos, que a população negra e jovem sofre. O Brasil, o último país a abolir a escravidão tem como característica da sua sociedade e cultura, a subordinação de pessoas que compõe o denominado grupo de minorias. Nesse caso, o regime escravagista e suas violências apenas tomaram novas configurações, pois são os negros que continuam nos índices de subsistência, de menor formação, de maior informalidade no trabalho, de maior mortalidade e encarceramento. Como foi formulado nas ciências biológicas, que fomentaram estruturas sociais racistas, o negro estaria em uma pré-disposição natural a coisas inferiores e tidas como ruins, onde a ideia racista saia de apenas colonizar as vidas negras para também apagar as histórias de um povo tentando embranquecê-los.

Os jovens que configuram uma parte muito importante no desenvolvimento de uma



sociedade, dentro dessa estrutura racial excludente se vêm passando por essa fase do desenvolvimento com a alcunha de que seus direitos estão cerceados, pois como é de conhecimento massivo, desde cedo os meninos pretos são orientados em suas famílias a se protegerem daqueles que deveriam promover cuidado e segurança. Além de ter uma vida notoriamente posta no alvo de extermínio, a suas vidas são ameaçadas de prosseguir quando as oportunidades de estudo se divergem comparado a jovens brancos, quando as possibilidades de emprego são direcionadas a subempregos ou a informalidade, em detrimento de ser gerido nesses lugares por pessoas majoritariamente brancas. Esses jovens são impedidos de viver e manter a sua vida no racismo estrutural.

Entendendo os processos sociais foi buscado dois conceitos que falam de dores da alma, algo que abate e define o ser de tão potente que esse sofrimento se instala. O banzo e a melancolia se aproximam em suas definições, é nos dois que se encontra a perda da força de viver. Sucumbir a morte depois de perder algo que lhe é investido tanta energia libidinal, é o que acontece nas duas patologias, pois não há uma força psíquica que consiga trazer essas pessoas despedaçadas, a reunião desses pedaços e de formulação de um novo objeto de desejo. Na saudade nostálgica que acometia os escravizados ainda se tinha um entendimento do que lhes faltava, era a sua dignidade, liberdade, suas afeições emocionais e sua terra nativa. Já na expressão neurótica de uma patologia narcisista, esse objeto muitas vezes não é nominado, fazendo com que o sujeito encontre no rebaixamento de sua condição do Eu as formas de se anular a vida.

Nesse sentido, é de imprescindível importância que a psicologia enquanto campo profissional e científico se posicione para estudar, produzir conhecimento e atuar com práticas que não remontem as estruturas de poder/saber excludentes de determinados grupos da sociedade. A psicologia que se atentava apenas aos fenômenos clínicos da elite branca, nunca de fato trabalhou com a realidade brasileira, por isso essa forma de fazer e pensar a psicologia não faz mais sentido. E que esse abandono desse lugar não seja atoa, mas com consciência que a ciência que se constrói e a prática que se instaura são potências para um mover de estruturas sociais.

A partir do que aqui se foi exposto aqui, esse trabalho se encaixa numa transformação do olhar que ainda vigora no campo da psicologia, pelo motivo de que foi de muita dificuldade encontrar embasamento bibliográfico para construí-lo. Ressalto a relevância das produções que visam práticas antirracistas no que tange a ciência psicologia, como visto há uma real demanda da sociedade e dos sujeitos que tenham intervenções formuladas para ouvir, acolher e auxiliar nos processos psíquicos essas pessoas que sofrem como todos, e ainda sofrem pelo racismo. Por uma psicologia e psicanálise antirracista em seus exercícios profissionais.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, Wlamyra, R. de; FRAGA, Walter. **UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL**. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Palmares, 2006.

ALVES, Míriam Cristiane; COSTA, Eliane Silvia e CASTELAR, Marilda. **PSICOLOGIAS ANTIRRACISTAS: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS, METODOLÓGICOS E ÉTICO-POLÍTICOS**. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2020, v. 40, n. [s.n]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/qRJvQ7tSyvhYbgjHvD6dMBB/?lang=pt#>>. Acessado 01



Out. 2022.

AVELAR, Joyce Juliana Dias de. **ENTRE A MELANCOLIA E O BANZO: IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO**. Brasília, 2019. Encontrado em: < <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/9546/2/Julia%20Trindade%20de%20Souza%20-%20TCC.pdf> > Acessado em: 20, Abr. 2021.

BENEDITO, Maiara de Souza e FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **PSICOLOGIA E RACISMO: AS HERANÇAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA**. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2020, v. 40, n. [s.n]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6qtXvXGFnYmBfNwzhGSwjRM/abstract/?lang=pt#>>. Acessado 30 Ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde; Universidade de Brasília. **ÓBITOS POR SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS NEGROS 2012 A 2016**. Brasília, 2018.

CARONE, Marilene. **LUTO E MELANCOLIA**. J. psicanal., São Paulo, v. 49, n. 90, p. 207-224, Jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 29 abr. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 19 Dez. 2002 **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 18/2002.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. São Paulo, 20 Nov. 2020. **Consciência Negra e a Psicologia Antirracista passos que vem de longe**. Encontrado em: <<https://crpsp.org/noticia/view/2641/consciencia-negra-e-a-psicologia-antirracista-passos-que-vem-de-longe>> . Acessado em: 29, Abr. 2021.

DA FONSECA, João José Saraiva. **APOSTILA DE METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA**. Fortaleza, 2002.

FAUSTINO, Deivison. **O MAL-ESTAR COLONIAL: RACISMO E O SOFRIMENTO PSIQUICO NO BRASIL**. Clínica & Cultura [online] v. 8, n. 2, Jul-Dez 2019, p. 82 – 94. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/14907> >. Acessado 24 Mar. 2022.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: **INTRODUÇÃO AO NARCISISMO, ENSAIOS DE METAPSICOLOGIA E OUTROS TEXTOS**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Obra original publicada em 1917[1915]). v. 12, p. 127-144.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil – População**. Disponível em: < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> > Acessado em: 29, Abr. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019**. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf > Acessado em: 08, Jun. 2022.



IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Disponível em: <
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados> > Acessado em: 19, Jul. 2022.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE DE FREUD A LACAN, VOL.2: A CLÍNICA DA FANTASIA.** – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MATIJASCIC, Milko e SILVA, Tatiana Dias. Jovens Negros: Panorama da situação social no Brasil segundo indicadores selecionados entre 1992 e 2012. In: **DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA JUVENIL BRASILEIRA E NOVOS DESAFIOS ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS/** organizadoras: Enid Rocha Andrade da Silva e Rosana Ulhôa Botelho. – Brasília: Ipea, 2016. p. 269-292.

MOURA, Clóvis. **DICIONÁRIO DA ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **ESCRVIDÃO E NOSTALGIA NO BRASIL: O BANZO.** Rev. Latino-americana Psicopatologia. Fund, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, 2008. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XsH4RvsyCmxJzydsfgTgvKS/?lang=pt#> >. Acessado 10 Set. 2021.

POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: **JUVENTUDE E SOCIEDADE: TRABALHO, EDUCAÇÃO, CULTURA E PARTICIPAÇÃO/** organizadores: Regina Novaes e Paulo Vannuchi. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-240.

SOUZA, Júlia Trindade de. **DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL À CRÍTICA DO RACISMO NAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: A IMPORTÂNCIA DE UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA.** Universidade Federal Fluminense, 2018. Encontrado em: < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13910> >Acessado em: 21, Abr. 2021.

SIRELLI, Nilda Martins e MAURANO, Denise. **FUNÇÃO E CAMPO DO RECALQUE E DO LUTO NO CONTEXTO DA CULTURA: REFLEXÕES SOBRE O RACISMO, O BANZO E O BLUES.** Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]. 2018, v. 21, n. 2, pp. 158-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982018002002>> Acessado 25 Set. 2022